

# Bion em Brasília

## Conferências

Dr. Wilfred Bion, a convite da Professora Virgínia Bicudo e contando com a colaboração do Instituto de Psicanálise de São Paulo, esteve durante todo o mês de abril de 1975 em Brasília, quando se dispôs a atender a numerosos pedidos de estudiosos das Ciências Humanas fazendo conferências na Universidade de Brasília sobre seus últimos trabalhos e investigações em psicanálise.

As conferências foram pronunciadas em inglês, com tradução em paralelo.

A tradução do traduzido-falado ao traduzido-escrito esteve sob a responsabilidade de Jansy Berndt de S. Mello. Este trabalho, embora liberado pelo o autor para a publicação exclusiva em *Alter*, não contou com sua revisão.

# Primeira conferência<sup>1</sup>

Wilfred Ruppert Bion

Sinto-me um pouco intimidado com a presença de um número tão grande de pessoas em um dia chuvoso como o de hoje. Gostaria de acreditar que tenho alguma coisa para dizer, mas infelizmente estou suficientemente familiarizado com o tipo de coisas sobre as quais deveria falar. Como não há nada de novo a dizer para mim mesmo, consolo-me em saber que não precisarei estar me ouvindo pronunciar uma conferência. Teria sido útil se eu pudesse dizer alguma coisa sobre as investigações que estou fazendo ou delinear aquilo que me interessa estudar baseando-me em dados específicos. Entretanto, para poder lhes dizer alguma coisa preciso partir de uma hipótese, a de que existe alguma coisa como uma “mente”, supondo, ainda, que se pode estudá-la. Ainda bem que alguém como Isaac Newton fez, certa vez, uma afirmação que, de certa maneira, soou pouco científica. Haley, o astrônomo, então perguntou a Newton: qual a prova ele oferecia sobre suas afirmações a respeito de que os planetas se moviam. Diante da insistência de Hayley, Newton pediu um prazo de dois ou três dias para formular matematicamente aquela ideia que ele parecia tão óbvia. Sendo o matemático que era, ele foi capaz de provar ou, pelo menos, de pôr em termos matemáticos discutíveis suas afirmações feitas em linguagem coloquial.

Eu também gostaria de encontrar uma forma de provar minha afirmação sobre por que existe uma mente, um caráter ou uma personalidade. A essa lista poderia, ainda, acrescentar um sem número de termos, mas só farei desde que não me perguntem sobre quais as provas de que disponho para demonstrar a realidade correspondente a essas palavras. Não encontro nenhum modo apropriado as formulações científicas para descrever esse meu palpite de que existe a mente. Entretanto, durante o transcurso de minha existência, considerarei tal palpite muito conveniente e me propus a investigar o que denomino de “mente”. Pelo menos, essa ocupação é inocente, e me mantém afastado de atividades

1 Publicada pela primeira vez em *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 6(1), 9-14, 1976.

mais perigosas, ou seja, como se costuma dizer em inglês, *it keeps me out of mischief* (isso me mantém fora do mal).

Neste ponto é conveniente lembrar a afirmação de Kant: “Uma intuição sem um conceito é cega; conceitos sem intuição são vazios”. Gostaria de fazer afirmações, aqui, que não sejam cegas ou vazias, apesar de não ter conseguido, até o momento, ser bem-sucedido nesse plano. Mas sinto que há algo que se aproxima daquilo que se entende por mente, caráter ou personalidade.

Um filósofo como Kant pode ser compreendido, se ele se esforça em explicar como a pessoa deve pensar de forma correta. Da mesma maneira, gostaria de acreditar que haja psicólogos que investigam, e demonstro o uso daquilo que chamo de mente. Se essa é uma esperança legítima, não sei.

Tais conjecturas me conduzem a uma outra questão: quando eu digo que “não sei”, há por trás disso, assim me parece, algo como uma verdade. Sinto-me algumas vezes como o príncipe André, do livro *Guerra e paz*, de Tolstoi, quando discute um problema que sente ser uma “verdade aceita”. É possível, portanto, formular verbalmente uma experiência emocional e sentir, ainda, que há uma realidade que corresponde a essa formulação. Para Newton, bastava acreditar que havia alguma realidade que correspondia ao movimento de alguns objetos, chamados planetas no universo que o cercava.

Berkeley, em seu tratado sobre óptica, parecia ter elaborado um sistema de pensamento suficientemente consistente. Como bispo, era de se supor que Berkeley fosse, primariamente, uma autoridade em religião ou, pelo menos, habilitado a fazer pronunciamentos sobre religião. Diante das afirmações de Newton, o bispo Berkeley respondeu dirigindo-se, não a Newton, mas a Haley, com críticas sobre formulações científicas não religiosas. Berkeley caçava dos “incrementos” (como assim os denominava Newton) referindo-se a estes como “fantasmas de quantidades desaparecidas”. Foram necessários mais de 100 anos para que as obsessões de Berkeley, um brilhante professor, fossem abandonadas. Um enfoque matemático parece-me ser peculiarmente produtivo para a psicologia, porque inicia o processo de elaboração de novos sistemas de pensamento. Sei que tal coisa não prova nada, mas isso me faz sentir,

novamente, que há uma realidade correspondente a esse conceito, ou ideia, sobre uma mente.

Seguindo esse rumo, entretanto, não poderemos ir muito longe para iluminar essa realidade. Infelizmente nosso tempo é muito limitado. Mesmo 100 anos não nos bastariam, se usássemos uma escala curta, medida segundo o tempo biológico. Lembro-me de discutir sobre isso com o chefe do Centro de Pesquisa em Antropologia no Sudão. Nessa época ele trabalhava num tipo de escala que parecia ser possível, fazendo a medida da deterioração das estruturas atômicas dos diferentes achados arqueológicos. Mesmo essa escala não serve para medir, por exemplo, o espaço geográfico – ela seria pequena demais para medir o espaço que existe no sistema galáctico, o Universo em que vivemos sendo ainda uma pequena parte do Universo. Com todos esses obstáculos nos intervalos entre 100 ou milhares de anos, foram manufaturados instrumentos e, atualmente, nos é possível investigar objetos que não são discerníveis a olho nu. Há uma esperança de ver agora uma linguagem metafórica, um brilho de vida em outros planetas, alguém ouvindo uma comunicação. E, de tanto ouvir interferências no que seria uma comunicação radiofônica, foi possível elaborar algo que se concretizou nos enormes discos do radiotelescópio no Observatório de Jodrell Bank. Seria bom se alguém também pudesse voltar sua atenção para as outras interferências, elaborando um método para se dar uma espiada em algo, que nos parece tão acessível, como a mente humana. Parece que qualquer um pode dar essa espiada e acho que, infelizmente ou felizmente, qualquer um pode mesmo! Mas as pessoas que se preocupam com o estudo biológico desse suposto objeto, a mente, estão numa situação muito mais difícil do que aquelas que confrontam qualquer um. Em suma, uma pessoa que sabe pouco sobre a mente pode dizer tanto quanto um especialista e, por isso, é quase impossível que um investigador biológico seja ouvido com seriedade.

Como já disse antes, acredito que haja algo como a mente humana. Sei que eu, pelo menos, não fui capaz de oferecer razões satisfatórias para essa suposição. Quando eu era menino fui ao Jardim Zoológico e me surpreendi com uma rena que batia com os chifres na jaula em um ritmo organizado. É claro que não quero expor-me ao ridículo em afirmar, a não ser cá entre nós, que esse animal parecia estar

ocupado em uma forma rudimentar de composição musical. Tenho muitas experiências semelhantes a descrever, mas não quero entediá-los com elas. Acho que seria mais produtivo se algum dos presentes tentar se lembrar de suas experiências e partisse dali para a elaboração, em termos compreensíveis, daquilo que acredita descrever sua experiência. Tenho certeza que a maioria entre vocês já teve contato próximo com bebês, e que poderiam, assim como quem ouve interferências no lugar da música transmitida, formular uma teoria sobre o comportamento observado e iluminar a questão de haver, ou não, uma mente.

Supondo-se que o animal humano, quando adulto, tenha uma mente, de onde ela vem? Onde, como, de que forma foi gerada? Há alguma maneira de dizer sobre algum pensamento, ou ideia, que seja análogo ao que foi formulado pelos matemáticos intuitivos ao descrever em certos objetos usando termos, como os de Frege, de “objetos matemáticos”, geradores numéricos? Há algo, que possa ser definido como um gerador de ideias (*idées mères*) de Joyce? Há algo que possa ser usado para iniciar uma reação em cadeia nessa investigação? Já falei bastante. Acho que é justo dizer que, se vale a pena falar, vocês deveriam ter uma oportunidade para se recuperarem e, tendo disposição para tanto, iniciar seus próprios pensamentos, ou ideias transformando essa conferência em um acontecimento de alguma importância.

[Intervalo]

Consciente de que o intervalo conduziu pelo menos a mim algum pensamento, quero lhes dar a oportunidade de dizer algo. Afinal, uma universidade não deve ser apenas capaz de estimulá-los, mas também de reunir ideias e ampliá-las como os radiotelescópios que reagem ante objetos como a *Crab Nebula* (Nebulosa do Caranguejo). Com um professor e eminente biólogo ao meu lado, vejo-me tentado, agora a dirigir-lhe algumas perguntas. Ele me informa que trabalha com patologia vegetal. Pois bem: será que o senhor acha que elementos de uma Supernova tem algum efeito sobre a vida das plantas? Essa pergunta é pura imaginação ou pode conter um grãozinho de sentido?

– *Dr. Bion, Voltando à proposição já feita sobre os elementos dos incrementos numéricos, sabemos que estes já foram substituídos por uma*

*nova teoria que, há uns 20 anos, foi, por sua vez, substituída por outra teoria. Perguntaria, agora, se um fenômeno análogo não poderia ocorrer na psicologia, ou seja, colocarmos a mente em uma formulação que seria, depois, substituída por outra e outra? Há alguma alternativa para a mente?*

Até o ponto em que estou familiarizado com as teorias, experiências psicanalíticas e no que me tange, acho que há ideias que desaparecem e que reaparecem depois em lugares e em tempos os mais extraordinários. Tanto assim que é difícil reconhecer evidências de uma existência prévia dessas mesmas ideias, como as que agora emergem. Lembro-me do modo curioso de como a ideia de um sistema heliocêntrico desapareceu até que, centenas de anos depois, nasceu com Copérnico. É uma forma estranha essa: como a raça humana transmite ou cultiva ideias! Mendel pôde descobrir a hereditariedade estudando ervilhas, uma coisa em si muito curiosa porque ele era um monge. Ora, se ele se voltou para a religião, por que então se comportou como biólogo ou botânico? E mesmo na época de Mendel suas ideias foram perdidas e, se reviveram, foi por mero acaso – apesar de serem consideradas agora como uma parcela bastante verdadeira da teoria genética.

Seria de se supor que as melhores descrições de um evento são as científicas. Há certas ideias que psicanalistas costumam atribuir, ou a execrar, em nome de Melanie Klein e que me levam a considerar o que Henri Poincaré chamou de “estados psicológicos”. Pela incapacidade de tolerar fatos incoerentes e desconexos, Poincaré foi capaz de chegar a uma formulação matemática que relacionasse fatos aparentemente não relacionados entre si. Nessa mesma linha, observamos que a ideias propostas por místicos separados por barreiras raciais, culturais, geográficas ou de tempo e que nos parecem inicialmente distintas umas das outras, mas que guardam curiosas semelhanças e inter-relações.

*– Partindo da hipótese de que a mente existe, como a explicar por meio da teoria psicanalítica?*

Teoricamente, hipoteticamente acreditamos que temos (ou, então, que deixamos de ter) fenômenos desconhecidos dos quais devemos nos aproximar com uma reverência religiosa e preparados com uma certa disciplina do pensamento. Essa disciplina tem que ser conseguida

para que possamos receber qualquer evidência, por mais tênue que ela seja, ou por mais indistinta quando comparada aos padrões do cotidiano. Acho que a característica de qualquer cientista é a ousadia de acreditar que existem evidências e a coragem para tornar-se ignorante (sem memória e sem desejo) para ter a mente aberta para percebê-la. Infelizmente – parece que essa é uma queixa universal – é comum acontecer que, diante de fatos desconhecidos, não aguentemos nossa ignorância convencendo-nos de que “ora, isso já sei que é só isso” para nos afastarmos do incômodo.

Eu poderia dizer que a característica principal de um cientista biólogo, ou daqueles que lidam com o pensamento, não está em saber tudo, mas ter a coragem de permanecer ignorante e aberto a alguma ideia ou fato desconhecido.

*– A pesquisa em percepção extra-sensorial pode contribuir para estudar a mente?*

A pesquisa em percepção extra-sensorial não pode, mas as pessoas podem. Se alguém tem interesse para dedicar-se a esse tipo de investigação, independentemente das críticas que receberia, poderá notar que todas as formas de disciplina podem ser empregadas para se conseguir uma abertura para qualquer elemento de uma verdade que esteja fluindo pelo ar. Ou seja, voltamos ao mesmo assunto: a importância de uma disciplina para se conseguir abrir a mente para o desconhecido.

*– Dr. Bion, sua conferência está mais ligada à filosofia da ciência do que a teoria e técnica psicanalítica. A psicanálise ainda lida com o sistema geral de conduta (falando-se da mente) ou ela busca seu lugar como ciência distinta das demais áreas ligadas ao estudo do comportamento? Gostaria que o senhor falasse mais sobre as recentes descobertas em psicanálise, para que possamos discuti-las. O senhor trabalha numa teoria geral do homem, com objetivo de levantar os fundamentos?*

Tentarei responder e você verá se minha resposta lhe serve ou não. Continuo a me ocupar com o que me parece existir e chamo de “mente”, por conveniência, a mente humana, ou a psicanálise. Mas a psicanálise é, em si, um desses termos sem sentido e que só serve para

nos referirmos a ela. Não é preciso comprometer-se e dizer: a psicanálise existe, pois o termo é útil apenas para discussões, supervisões de trabalho dos psicanalistas etc. Já no que se refere a mente, suspeito que exista algo que os biólogos podem considerar como sendo a “mente”, quer se considere que plantas, insetos ou tigres pensem ou que o pensar é característico ao ser humano. Infelizmente eu, como tantos outros que nos propomos a investigar a mente adotando os métodos da psicanálise, usamos nossas próprias mentes como algo que nos é mais próximo a um instrumental de pesquisa. Sendo apenas animais humanos, temos todos os sintomas humanos: inteligência, estupidez, parcialidade, estreiteza, ignorância e algumas vezes somos iluminados. Dessa confusão toda tentamos obter algum tipo de fato ou de coisa que emergiu como um cristal que parece se formar a partir de uma solução. Muitas pessoas são chamadas, correta ou incorretamente, de psicanalistas, preocupadas em estudar esses fatos. Só que, como essas descobertas ou esses descobridores não se limitam a atender aos pré-requisitos dos institutos de psicanálise, ou mesmo quaisquer outras leis e regulamentos sobre a conduta humana, não sabemos se há algum progresso na investigação dessa coisa chamada mente. Tomando-se uma reunião como essa, por exemplo, temos que aceitar que é impossível avaliar qual som, ideia ou observação será capaz de estimular, ou ter estimulado, determinado tipo de pensamento em alguém. Até uma coisa tão simples como essa nós não sabemos. Há descobertas consideráveis feitas por pessoas de quem não suspeitaríamos, alguém como um pintor, ou um matemático, ou um músico. É incrível, mas isso é o que acontece: nada sabemos sobre questões tão simples, mas tão fundamentais.

A grande vantagem de uma universidade é ser um lugar em que podemos, não apenas semear ideias, mas também agarrá-las e aprender algo dessas ideias produzidas por qualquer um dos homens extraordinários que nela trabalham. Quando digo “extraordinário” refiro-me a pessoas comuns, Shakespeare, penso eu, deve ter se considerado por muito tempo como sendo Shakespeare e, no entanto, se ele pudesse assistir a uma aula de literatura inglesa hoje ficaria surpreso com o trabalho de alguém chamado William Shakespeare. Nós, que nos acostumamos a uma ideia depois de ter ocorrido o evento que lhe deu origem,



consideramos Shakespeare hoje como “um homem extraordinário. Só que isso é uma ideia depois de um acontecimento, antes disso não havia nada de extraordinário em Shakespeare. Ele deve ter feito os mesmos erros e os mesmos acertos que qualquer um outro.

*– Escutando Dr. Bion falar sobre o telescópio que capta sinais e a função de uma universidade em captar ideias, lembrei daquilo que habitualmente se diz sobre a psicanálise, definida como uma “disputa privilegiada”. Perguntaria ao Dr. Bion se ele conhece algum método para se reconhecer uma universidade que em vez de agarrar, afasta as ideias, ou para se distinguir uma orelha psicanalítica surda. É possível tratar uma orelha psicanalítica surda à psicanálise, há algum corretor para aquilo que funciona ao contrário?*

É fácil encontrar alguém para denunciar uma ideia. É fácil, também, encontrar alguma ideia que possa ser denunciada. Brasília, como exemplo, serve para qualquer um que se sinta privado de alguma coisa para criticar, pois sempre encontraria em Brasília alguma coisa criticável: a simples existência de Brasília já é suficiente. O difícil é promover o crescimento de uma ideia, um monte de coisas cujo crescimento podemos promover, assim como é possível encorajar o crescimento de plantas escolhidas por serem consideradas como “benéficas” por algum critério e não como “tóxicas”. O problema está no animal que faz uso da planta e não na planta. Benéfico ou tóxico surge na relação da planta com aquele que ela usa. É muito importante fazer o uso de objetos que aparecem diante de nós, mas não é possível prever o que decorrerá dali quem e como usará em outra ocasião.

Se você acredita que os psicanalistas deviam saber coisas desse tipo, não vou discordar. Mas não quero fingir, também, que o conhecimento que eu tenho sobre psicanálise serviria para resolver esse problema. Isso, no que tange ao progresso da psicanálise, sugere que ou esta não progrediu nada ou eu sou um pobre espécime de psicanalista. É fato que os resultados da cadeia de reações iniciada com a psicanálise não são nada claros. Não me surpreenderia se aquilo que chamamos de psicanálise ou institutos de psicanálise, palácios e construções, desmoronassem sem deixar rastro. Ainda assim, suspeito, acredito, que essa coisa que não sei bem o que é, vai brotar de novo, não sei onde e como.